

*artigo***infância, experiência e filosofia**um diálogo com a obra *infâncias: aqui e além-mar***autoras****fabrícia machado fernandes**

universidade do sul de santa catarina,
programa de pós-graduação em
educação (ppge/unisul), santa catarina,
brasil

fabriciamachadofernandes@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-4855-9353>

luciane pandini simiano

universidade do sul de santa catarina,
programa de pós-graduação em
educação (ppge/unisul), santa catarina,
brasil

e-mail: lucianepandini@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8378-2359>

editor**fabiana martins**

<https://orcid.org/0000-0003-1749-0547>

doi: 10.12957/childphilo.2026.94833

resumo

Este artigo propõe o cotejo entre a obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar*, de José Santos e José Jorge Letria, e os conceitos de infância e experiência propostos por Walter Kohan, David Kennedy e Jorge Larrosa. O objetivo central é compreender como as memórias poéticas narradas pelos autores se articulam com a filosofia da infância. A investigação adota o ensaio como forma (Adorno, 2003), pautando-se na perspectiva fragmentária de Walter Benjamin e Adorno. A reflexão se desenvolveu a partir de eixos temáticos que emergiram da obra – como a curiosidade e abertura, a relação com o outro, a imaginação, a sensibilidade estética e o enfrentamento dos limites. Os resultados demonstram que os poemas transcendem o registro memorialístico e se constituem como narrativas filosóficas da infância, ressignificada pela poesia. Conclui-se que a obra configura a infância como um espaço de abertura, potência e criação, considerada em sua singularidade e pluralidade cultural, e a experiência como processo de constituição de sentido, o que se desvela capaz de iluminar a condição humana em sua complexidade.

palavras-chave: infância; poesia; literatura; experiência; filosofia da infância.

childhood, experience and philosophy:
a dialogue with the work *infâncias: aqui e
além-mar*

abstract

This article proposes a comparative reading of the work *Infâncias: Aqui e Além-Mar*, by José Santos and José Jorge Letria, alongside the concepts of childhood and experience developed by Walter Kohan, David Kennedy, and Jorge Larrosa. The central objective is to understand how the poetic memories narrated by the authors articulate with the philosophy of childhood. The investigation adopts the essay as a form (Adorno, 2003), grounded in the fragmentary perspective of Walter Benjamin and Theodor Adorno. The reflection is developed through thematic axes that emerge from the work—such as curiosity and openness, the relationship with the other, imagination, aesthetic sensibility, and the confrontation with limits. The results show that the poems transcend a merely memorialistic register and are constituted as philosophical narratives of childhood, resignified through poetry. It is concluded that the work configures childhood as a space of openness, potency, and creation, considered in its singularity and cultural plurality, and experience as a process of meaning-making, revealing itself as capable of illuminating the human condition in all its complexity.

keywords: childhood; poetry; literature; experience; philosophy of childhood.

infancia, experiencia y filosofía:
un diálogo con la obra *infâncias: aqui e
além-mar*

resumen

Este artículo propone un estudio comparativo entre la obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar*, de José Santos y José Jorge Letria, y los conceptos de infancia y experiencia propuestos por Walter Kohan, David Kennedy y Jorge Larrosa. El objetivo central es comprender cómo las memorias poéticas narradas por los

autores se articulan con la filosofía de la infancia. La investigación adopta el ensayo como forma (Adorno, 2003), apoyándose en la perspectiva fragmentaria de Walter Benjamin y Theodor Adorno. La reflexión se desarrolla a partir de ejes temáticos que emergen de la obra —como la curiosidad y la apertura, la relación con el otro, la imaginación, la sensibilidad estética y el enfrentamiento de los límites—. Los resultados demuestran que los poemas trascienden el registro meramente memorialístico y se constituyen como narrativas filosóficas de la infancia, resignificada por la poesía. Se concluye que la obra configura la infancia como un espacio de apertura, potencia y creación, considerada en su singularidad y pluralidad cultural, y la experiencia como un proceso de constitución de sentido, capaz de iluminar la condición humana en su complejidad.

palabras clave: infancia; poesía; literatura; experiencia; filosofía de la infancia.

infância, experiência e filosofia:

um diálogo com a obra *infâncias: aqui e além-mar*

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.

Walter Benjamin

introdução

O que significa ser uma criança? Qual é o poder de nossas palavras, principalmente quando evocam a potência da criação advinda de nossas memórias de infância? Assim como mencionam Kohan e Kennedy (1999, p. 59), “as respostas passam e a pergunta fica”. A infância, com sua natureza questionadora e criativa, convida-nos a revisitar as experiências que constituem quem somos, mesmo que provavelmente não encontremos as respostas pelas quais procuramos. Por essa razão, este ensaio se propõe a realizar o cotejo entre a obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar*, de José Jorge Letria e José Santos (2017), e o pensamento filosófico de Walter Kohan, David Kennedy e Jorge Larrosa. A intenção é explorar como as proposições desses autores sobre experiência e infância dialogam com as memórias poéticas, desvelando a potência transformadora e a singularidade dessas experiências.

A infância, no pensamento de Kohan e Kennedy (1999), não se limita a um estágio da vida, mas é compreendida como um espaço repleto de pluralidades e possibilidades. Para Kohan e Kennedy (1999, p. 40), “a infância também tem a ver com re-visitar certos lugares como se fosse a primeira visita”. Mesmo que, em sua etimologia, “a ideia de que, no seu nascimento, a palavra “infância” está associada a uma falta, a uma ausência, que é inscrita no marco de uma incapacidade” (Kohan & Kennedy, 1999, p. 40), os autores nos levam a compreender que ela se manifesta na capacidade de questionar, de experimentar o mundo com curiosidade, desafiando as certezas e verdades inquestionáveis. Para Kohan e Kennedy (1999), a infância é capaz de abraçar a incerteza, permitindo que novas interpretações e experiências surjam constantemente.

Mas o que seriam essas experiências? Inspirado em Walter Benjamin, Larrosa (2014, p. 18), coloca que a experiência não se resume ao que meramente "se

passa", "acontece" ou "toca" no dia a dia, mas sim "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca". Em outras palavras, apesar de muitas coisas ocorrerem diariamente, poucas delas se constituem experiências. Essa perspectiva sugere que a experiência é definida não pela frequência de ocorrências na vida, mas sim pela intensidade com que os acontecimentos são capazes de construir sentidos. A experiência é aquela que nos transforma. Como diria Walter Benjamin (2006; 2012), a experiência é uma matéria que se tece na memória coletiva e singular. Ela não é um dado pronto; ela "se torna" experiência à medida que é narrada e integrada à nossa história. Nessa direção, ao (re)visitarmos a memória, o significado de certas experiências pode ganhar novos sentidos.

Essa reflexão é central no livro *Infâncias Aqui e Além-Mar*. Resultado da colaboração entre o poeta português José Jorge Letria e o escritor brasileiro José Santos, o escrito emerge como uma obra singular dedicada a visibilizar as memórias de infância. Por meio de poemas líricos, os autores compartilham as lembranças de suas respectivas meninices, traçando um diálogo poético que transcende as fronteiras geográficas. A obra se notabiliza por apresentar a infância como um território de descobertas e afetos, onde cores, cheiros, brinquedos e amigos ganham vida em versos que convidam à reflexão sobre o que realmente nos constitui a partir das primeiras experiências de vida.

Ao unir as vozes de Portugal e do Brasil, *Infâncias Aqui e Além-Mar* estabelece uma ponte cultural e afetiva, evidenciando que, apesar das especificidades de cada país e das experiências singulares, o universo da infância possui elementos comuns. A obra dos "Josés" é composta por 22 poemas e, na apresentação do livro, o processo de criação é descrito como "calmo e espontâneo, e os temas surgiam de um lado e de outro do Atlântico" (Letria & Santos, 2017, p. 7). Cada poema apresenta uma mesma estrutura: oito estrofes de quatro versos, sendo os quatro primeiros escritos por um dos poetas, que os enviava ao amigo para que completasse a composição. Essa dinâmica criativa permitiu que cada texto reunisse dois pontos de vista, duas narrativas/rememorações sobre um mesmo tema.

Apesar das realidades distintas vivenciadas em Portugal e no Brasil, as narrativas dos poetas encontram pontos de conexão que, enquanto adultos, possibilitam uma profunda descoberta ao retornarem às suas memórias. Cabe

ressaltar que, ainda que haja pontos de contato, não se trata da construção de uma infância única ou universal, mas de um campo de aproximações e distanciamentos, no qual as singularidades e os territórios de pertença permanecem visíveis.

O presente artigo realiza o cotejo da obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar* com os conceitos de infância e experiência propostos por Walter Kohan, David Kennedy e Jorge Larrosa. A questão que orienta esta reflexão é: de que modo as memórias poéticas da infância dialogam com esses conceitos filosóficos, sem que um campo de saber se sobreponha ao outro? O argumento adota o ensaio como forma, pautado na perspectiva de Adorno (2003). Ao afastar-se das delimitações metodológicas fechadas, a escolha ensaística confere ao texto um rigor intelectual que não se dobra à sistematização, uma vez que, segundo Adorno (2003), os conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro. Há um caráter monadológico e fragmentário que prioriza o parcial em detrimento da tradicional ideia de verdade. Assim, a forma ensaística é inseparável do conteúdo, permitindo-nos penetrar nas minúcias da obra, nas rupturas e nas descontinuidades dos versos. Nesse movimento, busca-se a densidade especulativa em vez da mera descrição, privilegiando a reflexão na qual a verdade pode resplandecer em um traço.

Nessa perspectiva, embora se reconheça a relevância de considerar a obra poética em sua integridade, a natureza deste ensaio opta pelo trato com o fragmento sob a perspectiva benjaminiana: como uma “mônada” que, embora parcial, resguarda a densidade do todo. Para Benjamin (2006), o fragmento não é uma incompletude, mas uma imagem dialética que permite a irrupção do pensamento. Assim, a seleção de passagens específicas de *Infâncias: Aqui e Além-Mar* não pretende reduzir a obra de Santos e Letria a ilustrações teóricas, mas sim compor uma constelação onde a poesia e a filosofia se iluminam reciprocamente. Ao eleger trechos que preservam a autonomia da imagem poética, busca-se não realizar uma interpretação totalizante, mas possibilitar que o fragmento atue como uma ruína viva – aquela que, em sua brevidade, instiga o leitor à reconstrução do sentido e à abertura estética, mantendo a tensão necessária entre a concretude do texto e a fluidez da experiência.

A obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar* atua como catalisador dessa investigação. Os excertos dos poemas, que transcendem o mero resgate de lembranças para se configurar como um campo fértil de reflexão filosófica sobre os conceitos de infância e da experiência, serão elementos do tecido textual, cotejados em um movimento tateante com a teoria. Esse exercício de cotejo encontra ressonância em Miotello (2010) que, pautado na perspectiva bakhtiniana, propõe que tal procedimento não se reduz a uma comparação formal, mas estabelece um encontro dialógico que coloca os textos em estado de espelhamento.

Ao cotejar a poesia e a ciência, Miotello propõe uma escuta das vozes que habitam os enunciados, permitindo que o sentido ecloda justamente na fronteira entre essas diferentes esferas. Nessa travessia, buscamos compreender de que modo as memórias poéticas dialogam com a "infância" como um tempo de abertura e interrupção, uma resistência à lógica do adulto (Kohan & Kennedy, 1999; Kohan, 2005) e com a "experiência" enquanto aquilo que "nos toca", exigindo pausa e transformação (Larrosa, 2002).

A poesia, em sua atenção minuciosa ao detalhe (o cheiro da goiaba, o barulho do mar), forja o espaço para essa pausa necessária, oferecendo a possibilidade de revisitar a infância não como um objeto fechado, mas como um modo de ser que ainda se encontra em aberto. A memória poética se revela, assim, como a chave para a experiência, na qual o ato de lembrar, ao invés de meramente reviver o passado, torna-se um acontecimento em que a experiência da infância ganha novo sentido. Contemplar tal perspectiva é crucial para pensar (e ampliar) as formas de conhecer sobre infância e experiência, sublinhando a potência estética e filosófica da obra. Não se trata de interpretar os poemas no sentido hermenêutico de fechamento de significados, mas de colocá-los em ressonância com conceitos filosóficos, assumindo o ensaio como espaço de mediação crítica e criativa.

infância como curiosidade e abertura ao mundo

A infância, como propõem Kohan e Kennedy (1999), e posteriormente Kohan (2005), não deve ser compreendida apenas como uma fase cronológica, mas como potência de questionar, de se abrir ao mundo e de se reinventar diante das experiências. Trata-se de um tempo que se caracteriza por sua natureza criativa e

investigativa e, quase sempre, disposta a transformar a sua realidade em algo novo. A curiosidade infantil, nesse sentido, pode ser compreendida como a expressão de um pensamento que se arrisca e se surpreende diante do mundo. Nos poemas *Infância*, *Brinquedos*, *Bicicletas*, *Esportes* e *Viagens*, essa dimensão se delinea por meio de imagens que, embora escritas em diálogo, fazem coexistir marcas culturais que não se fundem. As experiências evocadas não constroem uma infância homogênea, ao contrário, colocam em relação contextos nacionais, históricos e culturais diversos, que permanecem em tensão e singularidade ao longo da enunciação poética. Logo no primeiro poema, *Infância*, José Santos descreve a exploração do espaço natural como metáfora dessa busca constante de novos horizontes:

¹Encontro-me num pomar,
debaixo de uma mangueira,
mas logo mudo de ideia
e escalo a goiabeira (Letria & Santos, 2017, p. 9).

Ao colocarmos esse fragmento em estado de espelhamento com a teoria, a cena possibilita refletir que a infância não é fixada em um lugar: ela se move, interrompe a expectativa e experimenta novas possibilidades. Essa irrupção da vontade – o "mudar de ideia" – funciona como uma imagem dialética que recusa a infância homogênea ou unificada, apresentando-a como uma possibilidade situada de abertura ao mundo, atravessada por condições materiais, culturais e históricas específicas de cada realidade.

Nesse sentido, Pandini-Simiano (2023) destaca que, na concepção benjaminiana, opera-se com a representação da "criança desordeira", em oposição à ideia de uma "criança linear". Mais do que uma circunstância passageira, a criança desordeira constitui uma configuração do ser criança: é o momento em que a visão homogênea dá lugar ao sujeito único, criador de cultura, colecionador e inventivo. Ao resgatar essa perspectiva, o texto afasta-se de qualquer idealização romântica para reconhecer na criança um ser transformador que, em meio aos restos e fragmentos do mundo, reconstrói sua própria experiência e identidade.

¹ Considerando a extensão e a densidade estética da obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar*, e em conformidade com o rigor do gênero ensaístico, optou-se pela seleção de passagens que atuam como 'mônadas' (Adorno, 2003; Benjamin, 2012). Tais escolhas não visam a fragmentação, mas a construção de uma constelação onde a integridade da voz poética é preservada em sua potência de ressonância. Assim, cada trecho selecionado é tratado como uma unidade autônoma que, no cotejo com a filosofia, permite a abertura para múltiplas leituras, salvaguardando o cuidado ético e estético com a totalidade da obra original.

Essa capacidade de reconstrução e invenção a partir do que está posto revela que a infância não se submete a uma cronologia linear, mas opera por saltos e ressignificações. Nesse encontro dialógico entre o sensível e o inteligível, percebe-se o que Kohan e Kennedy (1999) afirmam: a infância manifesta-se como uma repetição que gera diferença. Mesmo diante de cenários familiares, como o pomar, a criança é capaz de encontrar e produzir novos significados. Nessa perspectiva, o movimento de subir em árvores e alternar entre mangueiras e goiabeiras deixa de ser lido como mera brincadeira para ser compreendido como a própria abertura à experiência do mundo.

Em *Brinquedos*, José Jorge Letria revela como a infância é capaz de alterar a natureza dos objetos e reinventar significados. Se, sob a ótica do adulto, os brinquedos pareciam escassos, no espelhamento com o olhar da criança, a imaginação ocupa e subverte esse possível vazio:

Guardava em mim os segredos
de uma caixa de magia;
Dizendo as palavras certas
tudo por fim acontecia (Letria & Santos, 2017, p. 15).

A "caixa mágica" atua aqui como uma imagem dialética que condensa a curiosidade infantil, capaz de afetar a própria realidade e abrir fendas para o inesperado. Nesse sentido, Kohan e Kennedy (1999, p. 59) observam que a "infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende". Ou seja, a imaginação infantil não apenas preenche lacunas, mas inaugura novas formas de linguagem. Dialogando com Larrosa (2002, p. 22), reafirmamos que a "informação não é experiência", pois só há experiência quando algo nos atravessa e nos transforma. No cotejo com a infância, esse "tocar" é frequentemente provocado pelo poder do imaginário, que possui a potência de converter o ordinário em acontecimento, transformando o "nada" da escassez no "tudo" da magia.

Em *Esporte*, José Jorge Letria nos faz pensar na dimensão lúdica, e até mesmo comunitária, das brincadeiras e jogos, como curiosidade e abertura ao mundo, quando a infância pode se apropriar do corpo e da coletividade para criar narrativas próprias:

Asfalto em vez de relvado
nas aventuras da bola,
equipamento apressado
num jogo que nos consola (Letria & Santos, 2017, p. 36).

A cena retratada por Letria demonstra que o espaço e os recursos pouco importavam. O futebol improvisado, seja no asfalto ou em um simples jogo de botão, não se torna apenas um passatempo, mas a abertura de criação de mundos possíveis. Bastava uma bola, ou mesmo qualquer outro objeto que a substituísse, para que a imaginação recriasse a sua própria narrativa. Aqui, como nos lembra Larrosa (2002, p. 25), a experiência implica uma “exposição” ao risco e ao encontro. Assim, o menino José, ao se divertir, também se expõe às regras do jogo, ao time, à derrota e à vitória. Ele aceitou o risco de cair em detrimento da vivência com o outro. O espaço duro e áspero de um asfalto transformou-se em experiências coletivas que ressignificaram as dificuldades por conta da falta de recursos. Nesta perspectiva, o imprevisto também pode ser considerado um gesto de resistência, no qual o brincar mostra-se como um espaço de liberdade e imaginação.

Já no poema *Bicicletas*, José Jorge Letria destaca o esforço ao superar os limites do corpo e dos medos, remetendo-nos à infância como instantes de aprendizado e de coragem:

Lá me diz a pedalar
contra o medo, contra o vento,
com pedais de poder voar
veloz como o pensamento (Letria & Santos, 2017, p. 31).

Aqui, podemos inferir que o gesto de pedalar é bem mais do que uma brincadeira e serve até como imagem dialética de uma experiência de enfrentamento e liberdade. Kohan e Kennedy (1999, p. 48) reforçam que “experiência e infância são condições de possibilidade de uma existência humana que se preze como tal, não importa a sua idade”. O movimento contra o vento e contra o medo nos faz pensar na ideia de que a infância é constituída pela disposição de se abrir ao desconhecido, mesmo que isso implique exposição ao risco.

Essa dimensão conecta-se ao que Larrosa (2002, p. 24) nos aponta como “gesto de interrupção”, pois a experiência requer parar, sentir, demorar-se nos detalhes. O menino com a sua bicicleta não apenas se deslocava fisicamente, mas ele foi capaz de transformar simples pedaladas em experiência de superação e descoberta. No espelhamento entre o esforço físico e o “voo” do pensamento, a infância afirma-se como uma força de interrupção que transforma o medo em potência de agir e de conhecer.

Em Viagens, José Santos apresenta a infância como espaço de deslocamento e descoberta, onde cada caminho percorrido se abria como uma promessa de novidade.

Como é bom ter liberdade!
Como é bom viajar.
Por serras e por cidades,
Por florestas, pelo mar (Letria & Santos, 2017, p. 31).

A infância aqui pode ser apresentada como travessia, movimento. O menino José nos leva a refletir sobre a imagem de que viajar não consiste apenas no deslocamento geográfico, mas em uma abertura sensível ao mundo. Kohan e Kennedy (1999) ressaltam que a infância não é apenas uma etapa transitória, mas uma condição de possibilidade de reinvenção. Podemos pensar que cada caminho percorrido pode ser considerado menos uma chegada a um destino e mais uma oportunidade de ver, sentir e aprender de maneira nova.

Larrosa (2002) dialoga com essa ideia ao afirmar que a experiência é uma abertura ao imprevisto. A viagem na infância, como nos versos de Letria e Santos, é justamente a disposição a ser afetado pelo que pode encontrar: uma paisagem inesperada, um som estrangeiro. Nesse sentido, o poema nos aproxima de uma imagem da infância como um espaço de espanto e encantamento, quando, ao relembrar a liberdade da viagem, os poetas mostram que a infância é menos um estado fixo e mais um movimento contínuo de abertura, qual cada encontro pode inaugurar um mundo novo.

infância como relação com o outro

A infância também é um lugar onde aprendemos a conviver, no qual os vínculos com a alteridade constituem-se como parte estruturante das nossas experiências. Se, nos movimentos anteriores, ressaltamos a curiosidade individual como potência de abertura ao mundo, aqui o foco desloca-se para o outro como mediador e interpelador dessas experiências. No espelhamento das relações, a infância revela-se como um espaço coletivo em que afetos, memórias e jogos partilhados contribuem para a constituição da subjetividade. Nessa perspectiva, o encontro com o outro permite à criança sair de si e habitar um mundo comum, onde a experiência ganha sentido na experiência com o coletivo.

No poema *Amigos*, José Jorge Letria rememora as amizades de infância como elementos que sustentavam sonhos e aventuras:

Os amigos eram degraus
da escada de olhar a lua
e os sonhos eram brinquedos
do império da nossa rua (Letria & Santos, 2017, p. 11).

A imagem dos amigos como “degraus” evidencia como a relação com o outro é uma das condições para alcançar novos horizontes. Para Kohan e Kennedy (1999, p. 48) “a infância simboliza um rito de passagem entre o que somos enquanto seres jogados no mundo e o que fazemos com esse sermos jogados no mundo”. Nesse sentido, não é solitária: ela se constrói na coletividade, nas brincadeiras de rua, nos apelidos, nos laços que permanecem mesmo com a passagem do tempo.

Em *Parentes Amados*, os vínculos familiares são lembrados como fonte de afeto e de aprendizado cultural. José Santos descreve a presença marcante do seu avô, que, vindo de Portugal, transmitia histórias, objetos e gestos de carinho:

A maior das alegrias
era brincar com os netos.
e eram todos iguais –
não havia prediletos (Letria & Santos, 2017, p. 22).

Aqui, a figura do avô se transforma não só em mediador da memória, mas da cultura e do afeto dentro do ambiente familiar. A igualdade entre os netos, essa “ausência de predileção”, pode simbolizar a infância vivida no seio de relações afetivas que acolhem e formam, nas quais cada neto é acolhido em sua singularidade. Essa convivência corrobora para a compressão que a experiência infantil é profundamente atravessada por trocas intergeracionais, onde o afeto e o respeito são tecidos na partilha do sensível.

Em *Casa*, José Jorge Letria inicia o poema apresentando o seu lar como um espaço de pertencimento, afeto e encontro. Os versos descrevem a casa não apenas como construção física, mas como um território simbólico, onde a infância encontra abrigo e a sua liberdade:

A nossa casa era tudo,
Abrigo na tempestade,
Um casulo de carinho,
Um lugar de liberdade (Letria & Santos, 2017, p. 24).

Sob a perspectiva de Kohan e Kennedy (1999, p. 52), a infância é o “material das reformas éticas e dos sonhos políticos”. Aqui, a casa emerge como o chão inicial onde se forjam modos de conviver e de imaginar o futuro. No entanto, para além de uma função biológica ou desenvolvimentista, o "casulo" evocado pelo poeta deve ser lido como uma mônada da memória, e não como uma generalidade.

Abramowicz (2011), adverte para a necessidade de tensionar as imagens universais de infância com a concretude das relações de raça, classe e território. Se no poema a casa é mediadora da formação subjetiva, na realidade brasileira e lusófona, esse "casulo" convive em tensão dialética com infâncias cujos lares muitas vezes são espaços de precariedade, ou onde a própria ideia de "abrigo" é uma impossibilidade política.

Portanto, os versos não buscam fixar uma identidade única para a criança, mas sim destacar a singularidade da experiência (Larrosa, 2014) como um acontecimento que nos atravessa. Sob essa ótica, o exercício de conhecer a infância exige o esforço de escuta e a investigação a partir do ponto de vista das próprias crianças, reconhecendo a diversidade cultural e as múltiplas realidades que constituem os espaços a elas oferecidos (Pandini-Simiano, 2014). O cuidado e a partilha narrados por Letria não são tomados aqui como uma promessa cumprida para todas as infâncias, mas como um fragmento poético que permite questionar: quais condições políticas e éticas são necessárias para que o mundo, e não apenas a casa, possa se tornar um lugar de liberdade para as múltiplas infâncias que o habitam?

Se a casa é lugar das narrativas primeiras, o espaço exterior — o quintal — é onde a alteridade se apresenta em sua forma mais viva. Nesse sentido, no poema *Animais*, o quintal e os bichos que nele habitam tornam-se mediadores de vínculos e aprendizagens. O convívio com animais domésticos e silvestres é rememorado por Letria e Santos como uma parte constitutiva de suas infâncias:

Nossa casa era pequena,
mas com um grande quintal
onde a família acolheu
a metade do Reino Animal (Letria & Santos, 2017, p. 50).

A infância aqui se expande na relação com o outro, que não é apenas humano, mas também na relação com a natureza que está no seu entorno,

ampliando os seus horizontes de convivência. Kohan e Kennedy (1999, p. 59) observam que “a infância fala uma língua que não se escuta”, e talvez essa “língua” seja também a que se estabelece com o não humano, uma abertura ao que é inesperado. Neste mesmo sentido, Larrosa (2002, p. 57) destaca que a experiência é sempre singular, ou seja, talvez conviver com os animais também seja aprender a perceber o mundo a partir de outras formas de vida.

O poema *Jogos*, que encerra o livro, explicita o valor da convivência ao transformar a própria escrita em uma brincadeira conjunta:

Hoje nosso passatempo
é criar rimas e história.
Dois Josés a brincar juntos
nesse jogo da memória (Letria & Santos, 2017, p. 50).

Aqui, a amizade entre José Santos e José Jorge Letria transcende a infância cronológica: mesmo adultos, continuam “brincando” por meio da escrita. Kohan e Kennedy (1999, p. 48) sustentam que renunciar à infância em nome da “adulterez” significaria “perder a capacidade de se inventar, de encontrar novos inícios”. Isso nos revela como a infância, enquanto espaço de relação, não se extingue com a idade; ao contrário, ela pode ser cultivada como prática de memória e, como sugere esse poema, de criação conjunta. A infância é vista por esses atravessamentos proporcionados pelas relações, nas quais também pode encontrar a sua potência, pois os vínculos não apenas podem sustentar a criança, mas permanecem como fonte de experiência significativa ao longo da vida.

infância como memória e imaginação

A infância, em muitos aspectos, pode ser considerada um lugar de invenção. A imaginação se manifesta como um recurso para transformar a realidade e atribuir novos sentidos ao cotidiano. Mais do que um simples devaneio, ela funciona como forma de conhecimento, pois é por meio dela que a criança pode se abrir ao desconhecido (Kohan & Kennedy, 1999; Kohan, 2005).

Nos poemas *Sonhos*, *Livros*, *Filmes*, *Televisão*, *Jornais* e *Céu*, é possível lançar um olhar para essa dimensão de forma mais evidente. Em *Sonhos*, José Jorge Letria descreve a figura do menino sonhador, capaz de viver viagens noturnas que ampliam a sua percepção de mundo:

Chamavam-se sonhador
com a ternura de quem diz:

tem asas de voar longe
quando tenta ser feliz (Letria & Santos, 2017, p. 12).

O sonhador aqui não se caracteriza apenas como alguém que fantasia, mas como alguém que encontrou na imaginação uma forma de se projetar além da realidade imediata. Kohan e Kennedy (1999, p. 48) dizem que “sem infância, o ser humano seria natureza inerte”. O menino sonhador não se contenta com os limites dados pela objetividade do mundo; suas “asas” simbolizam a infância como potência de interrupção e criação.

Essa potência criadora se articula de modo mais evidente em Livros. Para José Santos, antes mesmo de dominar a leitura, a imaginação já preenchia os espaços deixados pelas imagens das histórias em quadrinhos:

Antes de aprender a ler
via histórias em quadrinhos.
Patos, gatos, dinossauros,
falando com balões (Letria & Santos, 2017, p. 17).

Aqui, a imaginação é o motor da experiência estética, por meio da qual a criança é capaz de atribuir voz e vida a personagens que estavam apenas no papel, elaborando sentidos que ultrapassam a materialidade do texto. Já José Jorge Letria, recorda o encontro com obras literárias que despertaram o seu desejo de escrever:

Com tanto livro já lido,
fez-se o menino escritor
de versos e muita prosa,
de tanta história de amor (Letria & Santos, 2017, p. 16).

Aqui o contato com os livros se converte em experiência formativa, na qual a memória se entrelaça com a invenção, ou seja, a infância atravessada pelas experiências que formam não só leitores, mas criadores. Podemos lembrar a proposição de Larrosa (2002, p. 28), quando afirma que se “o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez”. Cada encontro com os livros é singular, e a imaginação se intensifica nessa não repetição, transformando a leitura em criação. As experiências narradas pelos “José” não esgotam as formas possíveis de relação entre infância e imaginação, mas revelam como determinados acessos culturais, situados em contextos específicos, podem intensificar processos criativos e formativos.

Em Filmes, o cinema aparece como outro espaço privilegiado da imaginação. José Santos relata como, nas matinês, era possível transformar-se em diferentes personagens:

Lá, virava outras gentes
tão diferentes de mim,
até que se projetasse
bem grande na tela FIM (Letria & Santos, 2017, p. 21).

A experiência proporcionada pelo cinema, aqui, não se caracteriza apenas como um conjunto de imagens em movimento, mas como uma experiência capaz de permitir assumir muitas identidades e experimentar a existência de outras. Nesse caso, a infância se conecta ao pensamento de Larrosa (2002, p. 28), quando discorre que a experiência implica a “abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver”, já que a imaginação permite viver diferentes possibilidades de ser. Assim, no poema, o “fim” projetado na tela não significa que a experiência terminou, mas o início de um processo de rememoração, oferecendo à infância mais do que um simples entretenimento: a possibilidade de viver, imaginar e sentir o mundo que se incorpora à sua própria história.

Já em *Televisão*, Letria e Santos narram o impacto advindo da chegada da TV, que transformou o cotidiano em um espetáculo de imagens e afetos dentro de suas próprias residências. José Santos recorda os momentos ao lado do pai, quando a experiência televisiva se tornava emocional:

Com o meu pai ao meu lado,
Aprendi como se chora:
Com a mão cobrindo os olhos,
Enquanto a dor se demora (Letria & Santos, 2017, p. 28).

Essa cena retrata que a televisão não foi apenas um veículo para transmitir informações ou diversão, mas mediadora de emoções, memórias e vínculos afetivos. Assim como no cinema, aqui a imaginação se alimenta das imagens projetadas, mas também da atenção ao gesto do seu pai, que lhe ensina o modo de sentir. Já José Jorge Letria, rememora a televisão como um portal de descobertas, em que cada novidade era capaz de reunir os vizinhos que sempre chegavam nos momentos dos programas.

No poema *Jornais*, a infância é atravessada pela materialidade das folhas impressas e pela imaginação que se projetava a partir das notícias e personagens. José Santos relembra a curiosidade infantil diante do jornal como um mundo em pedaços que cabia em suas mãos:

Mesmo morando tão longe,
A notícia aqui chegava,
Nas folhas de um diário
Que o meu pai assinava (Letria & Santos, 2017, p. 42).

Aqui, por meio das páginas tão frágeis dos jornais, as palavras possibilitavam que a criança se conectasse com realidades que ultrapassavam a sua vivência imediata. Já José Jorge Letria, recorda a descoberta da crítica e do humor de Millôr Fernandes, revelando que a imaginação não se limitava apenas à fantasia, mas também expressava a força da crítica e da resistência. Nesse sentido, a experiência com os jornais não era apenas informativa, mas formativa, como uma infância que aprende a se situar no mundo, a questioná-lo e a recriá-lo por meio das palavras.

Por fim, em Céu, a memória infantil é evocada a partir do olhar para o alto, em busca de mistérios e explicações para aquilo que escapa ao alcance. José Jorge Letria fala do céu como um espaço de desejo e imaginação:

E assim chegamos à Lua,
Astronautas de quimera,
Campeões da nossa rua.
Na borda de uma cratera (Letria & Santos, 2017, p. 44).

O céu é território de sonho e invenção, em que a imaginação do menino José lhe permite ser um “astronauta de quimera”, ou seja, viajante do (im)possível. A abertura ao desconhecido, como afirma Larrosa (2002, p. 28), é a própria essência da experiência. O olhar para o céu, ao mesmo tempo que parece ser um gesto ingênuo, transforma-se em poético, revelando que a infância é espaço de invenção de sentidos. José Santos, por sua vez, rememora o momento em que presenciou pela televisão a chegada do homem à Lua, narrando o choque entre a novidade científica e a descrença da grande maioria da população. Essa memória evidencia o quanto a infância é capaz de acolher tanto o encantamento quanto a dúvida.

Nos excertos apresentados, podemos inferir que a infância é revelada a partir de sua potência inventiva. As recordações dos autores não são apenas lembranças, mas experiências ressignificadas pelo olhar do adulto. Elas nos mostram como a imaginação é parte constitutiva da infância e continua sendo fonte de criação na maturidade.

Cada linguagem artística mobilizou esse potencial de forma diferente. Nos quadrinhos, como rememora José Santos, a criança ainda não alfabetizada já exercita a leitura das imagens. Aqui a experiência estética se dá na lacuna entre o que é mostrado e o que é inventado, revelando que o ato de ler pode anteceder a alfabetização, constituindo-se como um exercício criativo.

Com os livros e os jornais, sobretudo na memória de José Jorge Letria, a experiência assume outra dimensão, pois diferentemente dos quadrinhos, que abrem os caminhos por meio de suas imagens, os livros exigem um mergulho no texto escrito. Já nos jornais, a crítica a partir das informações, mediadas pelas palavras e pelas imagens, moveu os meninos Josés na constituição de sua infância.

No cinema, a experiência se expande para a uma vivência sensorial e coletiva. Nas matinês, o menino pode tornar-se “outras gentes” ao se deslocar para dentro das imagens projetadas, abrindo caminhos para o inesperado. Na televisão, as narrativas dão-se no seu espaço privado, projetando mundos e ensinando os gestos de como sentir com os seus familiares, sobretudo, com o seu pai. Por fim, em Céu, a imaginação mobiliza a fantasia e a abertura ao desconhecido.

Se pensarmos a partir da filosofia da infância, encontramos em Kohan e Kennedy (1999) a noção da infância como condição permanente de abertura. Com isso, a imaginação se apresenta, neste contexto, como um vetor fundamental, intensificando a singularidade de cada experiência estética vivida na infância. Seja nos quadrinhos, nos livros ou no cinema, o que podemos evidenciar é a articulação entre a imaginação e a criação. Nessa perspectiva, cada lembrança dos “meninos sonhadores” adquire uma força criadora, capaz de projetar novas possibilidades de sua própria existência.

infância como sensibilidade e experiência estética

A infância não se reduz apenas ao ato de conhecer racionalmente o mundo. Ela também é capaz de se expressar por meio da sensibilidade, pelo que é vivido através do corpo, dos afetos e das artes. Vista sob esta perspectiva, a infância é um lugar privilegiado para aquilo que Larrosa (2002, p. 24) chama de “gesto de demora”, ou seja, a atenção ao detalhe, ao sabor, ao som, ao ritmo, dimensões que constituem experiências estéticas.

Nos poemas Doce e Salgado, Músicas e Mar, essa sensibilidade aparece como marca da infância. Em Doce e Salgado, José Jorge Letria resgata a memória afetiva do pudim de pão feito pela avó:

Sei que já nasci guloso
de arroz-doce e pão de ló
e do quente pudim de pão
que fazia a minha avó (Letria & Santos, 2017, p. 35).

O alimento aqui não é visto apenas como um ato de nutrir o corpo, mas como evocação do afeto, do cuidado, do pertencimento. A doçura ultrapassa o sabor físico e se transforma em linguagem da memória. Por sua vez, José Santos associa o doce ao afeto materno:

Mas sempre gostei de doce.
Doce com claras, doce com gemas.
São nossas mães que escrevem,
com açúcar, seus poemas (Letria & Santos, 2017, p. 34).

A metáfora da mãe que escreve “com açúcar” sugere que a comida é também poesia, arte. Ao afirmar que “são nossas mães que escrevem com açúcar seus poemas”, José Santos consegue aproximar a cozinha da literatura, o ato de nutrir do ato de criar. Kohan e Kennedy (1999, p. 61) ajudam a compreender essa dimensão quando escrevem que “o novo [...] é pensar inícios e iniciar-se no pensar. A cada vez. Sempre, com a intensidade da primeira vez”. Com isso, cada encontro com o doce ou o salgado é único, pois está sempre entrelaçado a uma situação, a uma pessoa ou a um contexto particular. O sabor não reside apenas na lembrança, mas na intensidade que é capaz de se renovar a cada vez que há uma rememoração. Assim, a experiência proporcionada pela memória dos sabores torna-se estética porque toca a sensibilidade e reconfigura o que já foi vivido na infância. Essas memórias sensoriais não pretendem idealizar a infância, mas evidenciar como determinadas experiências estéticas, quando rememoradas, ganham densidade e sentido na escrita poética.

Em Músicas, a infância é rememorada por meio das aprendizagens sonoras e da influência cultural, como no caso de José Santos, que narrou a chegada do Beatles à sua cidade pelo rádio e a tentativa dos jovens de imitá-los:

Pelo rádio, o som dos Beatles
invadiu minha cidade.
Quis aprender violão,
para tocar, de verdade (Letria & Santos, 2017, p. 46).

Aqui, a música se configura como experiência de pertencimento cultural. José Jorge Letria descreve as canções como casulos que guardavam afetos e paixões da juventude, revelando o poder formativo da arte, que orientou escolhas e criou um sentimento de comunidade entre os jovens que compartilhavam referências em comum, no caso dos “Josés”, a banda Beatles. Mesmo que o sentimento de (com)partilhar gostos muitas vezes parta do coletivo, ao mesmo tempo se inscreve nas recordações íntimas, projetando a criança a um mundo

maior, ampliando limites geográficos. Neste contexto, o rádio funciona como mediador que leva a música aos múltiplos espaços e encontra diversas infâncias, capazes de se conectarem por meio de um sentimento em comum proporcionado por uma canção.

O poema *Mar* aprofunda ainda mais essa dimensão estética. Para José Jorge Letria, crescer junto ao mar foi uma experiência de poesia, na qual o mar aparece como metáfora da existência e da própria criação poética:

Foi o mar que me ensinou
que longe pode ser perto
se naufragamos em vida
entre as dunas do deserto (Letria & Santos, 2017, p. 40).

Ao rememorar a sua experiência de conhecer o mar pela primeira vez, José Santos descreve a sua descoberta com surpresa e humor:

Na ida a Copacabana,
a história foi comprovada:
provei da água do mar,
não é que era salgada? (Letria & Santos, 2017, p. 41).

Nesses versos, a experiência estética se revela no espanto, no riso e na novidade de comprovar algo inesperado. Esses exemplos nos mostram que a infância é permeada por uma estética da existência, em que a sensibilidade é central na constituição da infância como potência e de transformar o vivido em poesia. À luz da proposição de Kohan e Kennedy (1999) e Kohan (2005), de que o novo é sempre um início e uma abertura ao pensar, podemos afirmar que, nesses poemas, comer, ouvir ou simplesmente contemplar o mar evocam a sensibilidade e instauram novas formas de experiência. Assim, a infância não é apenas lembrança na vida dos poetas adultos, mas uma condição que, permeada pela estética, transforma o vivido em poesia e se reinscreve no cotidiano com a intensidade de uma primeira vez.

infância como enfrentamento da finitude e dos medos

Se até aqui a infância foi entendida como curiosidade, imaginação e sensibilidade, é importante (re)lembrar que ela também pode ser atravessada pelo medo, pela vulnerabilidade e pelo contato precoce com a finitude. As experiências infantis não são permeadas apenas pelos encantamentos. Nelas também se inscrevem as sombras, as perdas e até mesmo as incertezas.

No poema *Medos, Escola e Superstições*, essa dimensão é tematizada de forma poética e simbólica. Em *Medos*, José Jorge Letria descreve o universo noturno como espaço de assombro e de invenção:

Os medos não tinham cara,
ou tinham cara sombria
como as das velhas gravuras
da casa da minha tia (Letria & Santos, 2017, p. 32).

O medo, aqui, assume formas indefinidas, imagens herdadas por meio da cultura e das memórias familiares. Mas esses mesmos medos, quando transformados em versos, tornam-se histórias, mitos e possibilidades de criação. A infância, assim, não necessariamente foge do medo, mas é capaz de ressignificá-lo. José Santos, no mesmo poema, reforça esse caráter inventivo:

Caso a luz se apagasse,
uma velha ali entrava
falando línguas antigas
e fazendo bruxarias (Letria & Santos, 2017, p. 33).

A partir dessa estrofe, a narrativa criada em torno dos seus medos remete ao fato de que, mais do que paralisar, eles provocaram a invenção de seres, rituais e histórias que povoam o imaginário infantil. O escuro, em vez de ser apenas ausência, é preenchido pela força da criação. Essa mesma lógica atravessa os poemas *Escola e Superstições*. Os medos narrados não configuram um repertório comum a todas as infâncias, mas evidenciam como o contato com a vulnerabilidade pode assumir formas diversas, atravessadas por mediações culturais e reelaboradas poeticamente na memória e na escrita.

No poema *Escola*, o espaço escolar é rememorado não apenas como uma instituição formadora, mas como um território repleto de rituais, descobertas e afetos que marcam a infância, sendo que a finitude se insinua no limite imposto pela disciplina rígida. José Jorge Letria descreve que os seus cadernos eram “tristes como o país”, marcado por uma educação autoritária, reflexo de uma ordem social pautada pela repressão. A infância, nesse contexto, não surge como experiência idealizada de pureza, mas como um tempo atravessado pela dureza das normas e pela contenção dos desejos. Assim, esses poemas revelam que a infância é território de complexidade, no qual até os medos podem se transformar em fonte de invenção.

No entanto, o mesmo poema também evoca a possibilidade de superação ao lembrar que a escola de sua infância foi (re)batizada com o seu nome:

A escola da minha infância
foi de novo batizada
e hoje tem o meu nome
sobre a porta iluminada (Letria & Santos, 2017, p. 19).

O espaço antes marcado pelo silêncio e pela obediência transformou-se em memória poética. A experiência dolorosa da rigidez foi resignificada na vida adulta. A infância, mesmo marcada pelos limites, não necessariamente se encerra no sofrimento: ela é capaz de abrir espaços para novos sentidos.

Já em *Superstições*, os medos são enfrentados por meio dos rituais e crenças, como rememora José Jorge Letria, quando sentia a necessidade de bater na madeira para afastar a falta de sorte:

Se era tempo dos bruxedos,
fazia figa e fugia,
três pancadas na madeira
e nunca nada acontecia (Letria & Santos, 2017, p. 48).

Aqui, as superstições podem funcionar como uma estratégia infantil para lidar com as incertezas que os cercam. A lógica mágica substitui a racionalidade, oferecendo formas simbólicas de proteção. José Santos, com humor, completa o poema ao narrar o descrédito do tio:

E meu tio, um incrédulo,
estava sempre a zombar:
não seja supersticioso,
superstição dá azar (Letria & Santos, 2017, p. 49).

Entre o medo e o sarcasmo, a infância encontra maneiras de coexistir com a finitude e a incerteza. Essa dimensão se articula com as reflexões de Kohan e Kennedy (1999), que compreendem a infância justamente como potência de questionar certezas, inclusive diante da morte e da limitação. Também dialoga com Larrosa (2002), para quem a experiência implica vulnerabilidade, pois só quem se expõe ao risco pode ser tocado e transformado.

Nos poemas *Medos*, *Escola* e *Superstições*, a infância é evocada como um espaço atravessado pelos limites, como o receio diante do desconhecido, a rigidez das normas e as incertezas, mas também como potência de resignificação. Em *Medos*, as imagens sombrias da noite foram transformadas em narrativas poéticas, revelando que mesmo o assombro pode alimentar o imaginário. Em *Escola*, as regras rígidas e a dor provocada pela obediência forçada não anularam a experiência, mas se converteram na memória adulta em uma possibilidade de reinvenção e até mesmo em um lugar de reconhecimento. Já em *Superstições*, as

crenças e rituais infantis funcionaram como estratégias para lidar com o desconhecido, abrindo frestas de invenção diante da vulnerabilidade. Assim, podemos concluir que a infância também é enfrentamento do limite. Longe de ser paralisante, esse enfrentamento se converte em memória e poesia.

considerações finais para esse tempo...

O percurso analítico desenvolvido neste ensaio, ao assumir método fragmentário proposto por Adorno (2003), permitiu-nos transcender o mero inventário temático da obra *Infâncias: Aqui e Além-Mar*. Em vez de uma análise linear, operamos por meio do cotejo, perscrutando a profundidade filosófica das memórias poéticas de José Jorge Letria e José Santos como mônadas de experiência (Benjamin, 2012).

A partir do diálogo com Walter Kohan, David Kennedy e Jorge Larrosa, reafirmamos a poesia não como um objeto passivo de análise, mas como um território de alteridade para a filosofia. Nessa zona de fronteira, a infância não se revelou como um conceito abstrato ou uma fase do desenvolvimento, mas como uma imagem dialética (Benjamin, 2012) – uma potência de interrupção que subverte a ordem do tempo cronológico e reivindica a imaginação como uma prática ética e política. Nessa perspectiva, a infância, presente nos poemas, não se mostrou uma fase cronológica perdida, mas sim uma condição de possibilidade permanente que se manifesta em quatro eixos indissociáveis: como curiosidade e abertura (o movimento do corpo e da imaginação), como relação com o outro (do afeto e do vínculo), como memória e invenção (a potência criadora diante das linguagens) e como enfrentamento (a ressignificação dos medos e limites). A poesia, ao demorar-se no detalhe, na repetição do brincar e no espanto da primeira vez, recusa a lógica da informação e instaura o acontecimento que toca e transforma. As imagens poéticas não se oferecem como espelho de todas as infâncias, mas como experiências singulares que, ao serem colocadas em relação, fazem emergir diferenças, tensões e deslocamentos.

Em síntese, a memória poética dos “Josés” evidencia o núcleo da filosofia da infância formulada por Kohan e Kennedy (1999) que evocam a infância como potência de começo e descontinuidade. Ao subir na goiabeira, transformar o asfalto em campo de futebol ou usar a bicicleta contra o medo, o eu lírico infantil

age como um ser que se inventa, recusando ser definido por aquilo que virá a ser. Paralelamente, a obra materializa a teoria de Larrosa, pois as lembranças mais significativas – do sabor do pudim de pão, do choro ao lado do pai na TV, ou do sentimento de comunidade na rua – são aquelas que exigiram pausa, atenção e exposição ao risco e ao afeto. A experiência, nesse quadro, é precisamente o ato do eu lírico adulto de dar sentido a esses encontros singulares, convertendo a vulnerabilidade infantil em força poética e a fragilidade em matéria de criação.

A escrita conjunta de Letria e Santos (2017), que encerra o livro com a metáfora do "jogo da memória", demonstra que a infância não se extingue, mas persiste como uma prática constante de reinvenção. O artigo conclui que o valor de *Infâncias: Aqui e Além-Mar* reside justamente em sua capacidade de nos lembrar, por meio da arte, que a curiosidade, o espanto e a abertura ao desconhecido – características da infância – são, em última instância, condições éticas e estéticas para uma existência que se pretende plena e sempre disposta ao novo. Assim, a infância se constitui como um mosaico de experiências que juntas são capazes de iluminar a condição humana em sua complexidade.

referências

- Adorno, T. W. (2003). O ensaio como forma. In T. W. Adorno. *Notas de Literatura* (pp. 15-46). Tradução de Jorge de Almeida. Duas Cidades; Ed. 34.
- Abramowicz, A. (2011). *A criança e a infância na sociologia da infância: o que estamos discutindo?* Perspectiva, Florianópolis, 29(2), p. 415-436.
- Benjamin, Walter. (2006) *Passagens*. Organização de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Benjamin, W. (2012). *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense.
- Kohan, W. O. (2005). *Infância: Entre a educação e a filosofia*. Autêntica.
- Kohan, W. O., & Kennedy, D. (Orgs.). (1999). *Filosofia e infância: possibilidades de um encontro*. Vozes.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, 19, 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Larrosa, J. (2014). *Tremores: escritos sobre a experiência*. Autêntica.
- Letria, J. J., & Santos, J. (2017). *Infâncias: aqui e além-mar*. SESI.
- Miotello, V. (2010) O dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. In: *BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- Pandini-Simiano, L. (2014). *Medidas de um outro olhar... Sobre a materialidade do espaço da creche e a Constituição de um lugar dos bebês*. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 22(93).
- Simiano, L. P., da Silva Santos, E. M., & da Silva Galdino, A. P. (2023). *Narrativas da/na infância: a criança e sua potência em Walter Benjamin*. Revista Memorare, 10(1), 72-83.

fabrícia machado fernandes

Doutoranda em Educação (PPGE/UNISUL), mestre em Educação (PPGE/UNISUL) e graduada em História (UNISUL) e Geografia (Universidade Cândido Mendes). Professora de História da rede pública estadual de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Infância e Cultura (GEDIC).

luciane pandini simiano

Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS). Pós-doutoramento pela Università degli Studi di Firenze, Itália. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação(UNISUL). Líder do Grupo de Pesquisa Educação Infância e Cultura (GEDIC). Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Famiglia, Adoloescenza e Infanzia (FAI/UNIFI- ITA).

como citar este artigo:

ABNT:

Fernandes, F. M.; Simiano, L. P. Infância, experiência e filosofia: um diálogo com a obra infâncias: aqui e além-mar childhood & philosophy, v. 22, p. 1-24, 2026. Acesso em :_____. Disponível em:_____. doi: 10.12957/childphilo.2026.94833

APA:

Fernandes, F. M.; Simiano, L. P. (2026). Infância, experiência e filosofia: um diálogo com a obra infâncias: aqui e além-mar childhood & philosophy, 22, p. 1-24. doi: 10.12957/childphilo.2026.94833

créditos

- **Agradecimentos:** Não aplicável.
 - **Revisão gramatical e ortográfica:**
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** As autoras certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável.
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável
 - **Contribuição dos autores:** Todas as etapas do texto foram escritas com a colaboração ativa das duas autoras.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade *Plagius*

submetido em: 24.10.2025

aprovado em: 23.02.2026

publicação: 30.05.2026

revisor 1: anônimo **revisor 2:** [flávia maria de menezes](#)